

Perfil missionário extraído da experiência de J.N.Andrews na Europa: Lições práticas para missão

Edmilson Marçal P. Filho¹

Introdução

Há 150 anos atrás, o pioneiro J. N. Andrews, seus dois filhos e Ademar Vuilleuimer estavam chegando a Neuchatel na Suíça, em 15 de setembro de 1874. Aqueles não eram senão os primeiros passos da missão adventista de forma organizada e oficial. Andrews foi “pastor, missionário, escritor, editor e erudito; amigo íntimo de Tiago e Ellen White” (FORTIN, 2018, p.322, tradução nossa). Inserido nesse contexto do avanço das missões globais, compreende-se a relevância do trabalho realizado por outros no passado, como é o caso de Hannah B. More e H. B. Czechowski, missionários que antecederam J. N. Andrews. Cada passo em direção a um alvo é sustentado pelo anterior, as lições passadas nos auxiliam a edificar um sólido empreendimento no presente, bem como um bom resultado no futuro. Essa percepção deve ser aplicada na missão presente.

Seguindo essa linha de raciocínio aprestada acima e tendo como base a experiência missionária de Andrews na Europa, o artigo propõe extrair do processo histórico que envolveu a formação, desenvolvimento e desfecho de sua trajetória conceitos aplicáveis à missão presente. Em Jó 8:9,10 o pensamento bíblico nos aconselha a perguntar às gerações anteriores e considerar as suas experiências e instruções. Orientando-se por este raciocínio, será explorado na sequência os princípios, lições, conceitos que podem contribuir para o aperfeiçoamento das missões globais, tal como dos missionários, visando o cumprimento do propósito de pregar o evangelho eterno “até os confins da terra” (Atos 1:8).

Formação Missionária

O envio de missionários além-mar, bem como local, vai além da estrutura de apoio organizacional. Apesar de seu papel fundamental na continuidade e expansão da missão, é essencial focar na formação de quem será enviado. A esfera particular do missionário, a partir de uma análise do ministério de Andrews, é chave para o bom andamento das

¹ Edmilson Marçal P. Filho. Graduando em Teologia, Centro Universitário Adventista de São Paulo.
Email: edmilson.filho@unasp.edu.br

missões. Ele deve contar com uma sólida formação espiritual e teológica, uma profunda compreensão de sua identidade e da cultura do local de envio pretendido, bem como desprendimento e um amor genuíno pelas almas.

A experiência do relutante Czechowski, um dos primeiros missionários não oficiais da IASD, ilustra um grande acúmulo de dificuldades ao desenvolver seu ministério solo na Europa. Ele contrariou a liderança da igreja (IASD) e insistiu em dar sequência a sua tão desejada missão, sem o devido preparo e formação. Não tendo apoio dos líderes da IASD, ele decidiu persuadir os líderes do “advento cristão” para apadrinhá-lo nesta jornada. Resolveu, entretanto, não pregar as doutrinas de seus patrocinadores, nem mesmo atribuir seus ensinamentos bíblicos à IASD, que ainda estava em seu processo de formação doutrinária. Por fim, apesar do progresso realizado, essas atitudes acabaram prejudicando em grande medida sua missão (SCHWARZ; GREENLEAF, 2016). Esse episódio destaca a importância da unidade entre o missionário e a instituição, bem como da sua identidade e compreensão teológica, que são fundamentais para uma formação espiritual bem alicerçada.

Formação Espiritual

Considerando o plano de fundo do Grande Conflito entre Cristo e Satanás, entende-se que deve haver um preparo espiritual por parte de cada missionário, pois além das forças humanas contrárias, estão segundo a Bíblia os “principados e potestades”, os “dominadores deste mundo tenebroso”, “forças espirituais do mal” (Efésios 6:12). No entanto, há a firme convicção na supremacia divina sobre qualquer tipo de poder que procure opor-se à missão de Cristo. Todo discípulo que permanece unido ao Mestre usufrui de Sua plena provisão e segurança até o fim (Marcos 16:15-20). Este primeiro passo na jornada missionária não apenas reconhece os desafios espirituais, mas também reafirma a confiança na soberania e no poder de Deus para capacitá-los a cumprir com sucesso sua missão.

Dentro do âmbito de formação espiritual encontramos na pessoa de J. N. Andrews um homem de oração. Segundo Virgil Robinson “desde cedo, ele adotou o hábito de levantar-se às quatro horas da manhã e passar duas ou três horas antes do café da manhã estudando a Bíblia e orando” (1975, p.11, tradução livre).² A devoção matinal e pessoal é

² “Early in life he made it a practice to rise at four o'clock in the morning and spend two or three hours before breakfast studying the Bible and praying”.

chave para o desenvolvimento da comunhão, tal como o primeiro missionário oficial, contemplamos o legado de Cristo. De acordo com Ellen White o “alvorecer encontrava-O muitas vezes em algum lugar retirado, meditando, examinando as Escrituras, ou em oração. Com cânticos saudava a luz da manhã. Com hinos de gratidão alegrava Suas horas de labor, e levava a alegria celeste ao cansado e ao abatido” (2013, p. 52). A exemplo do legado de oração deixado por Cristo e vivido por Andrews extraímos uma lição crucial para a subsistência espiritual dos que professam viver a missão: andar na presença do Maior Missionário, entendendo que o sucesso dela depende do poder dEle.

Um outro elemento essencial que está intimamente ligado à oração é o amor à Palavra de Deus. Como citado anteriormente, diariamente ele dedicava horas ao estudo da Bíblia. Ampliando essa percepção, segundo Fábio Ferreira:

Seu objetivo não era apenas buscar os detalhes, pesquisando os versos e os temas para compor teses e linhas de argumentação. Ele a buscava como inspiração pessoal e diária, encontrando ali os benefícios da comunhão com Deus. Desde moço ele levava consigo urna versão da Bíblia para qualquer lugar” (2015, p.100).

Tomando a citação acima, compreende-se que a o missionário não deve ver a Bíblia como um mero instrumento de trabalho e pesquisa, mas como um elo de relacionamento entre ele e o Criador, um encontro diário com o Verbo encarnado.

Em resposta à sincera e decidida comunhão com Deus, surge um outro elemento fundamental para todo verdadeiro missionário, o amor a Deus e ao próximo. O missionário que não desenvolveu as disciplinas básicas da oração e estudo da Palavra e “não conhece” a Deus profundamente, não estará apto para amar o seu próximo e entregar-se por ele, pois antes, necessita se relacionar e tomar uma compreensão mais ampla do Deus de amor (1 João 4:8). Andrews (1875, p. 36, tradução livre) em seu processo de capacitação, declara: “agora é o grande desejo do meu coração, pregar a Cristo na língua francesa com liberdade para ver pecadores convertidos a Ele”.³ Com base na experiência e comunhão transformadora de Andrews, observa-se que o missionário que verdadeiramente conhece a Cristo não fará de suas experiências transculturais e habilidades desenvolvidas motivo de ambição e orgulho próprio. Em vez disso, ele

³ “It is now the great desire of my heart to preach Christ in the French language with freedom, and to see sinners converted to him.”

empregará todos os seus recursos e conhecimentos com o objetivo central de conduzir os perdidos ao encontro do Salvador, mantendo a centralidade em Cristo como fundamento essencial de sua missão.

Um último ponto substancial é a fidelidade ao propósito. Quando Andrews era ainda jovem recebeu uma atrativa proposta de seu tio Charles. Ele pagaria sua formação profissional, com intento de torná-lo um advogado ou político promissor. Andrews, porém, “sem titubeios ou vacilações, [...] declinou da proposta que lhe foi dirigida. Jamais haveria de permutar sua fé na Palavra de Deus por uma honrosa cadeira no parlamento” (OLIVEIRA, 1985, p. 228). Desde o início de sua jornada, o pioneiro já reconhecia seu chamado missionário. Sua vida foi inteiramente dedicada a missão, quase uma década no campo estrangeiro, mas em nenhum momento retrocedeu, por mais desafiadora que fosse a realidade.

Com base em todos esses relatos, é possível concluir a indispensabilidade de uma boa formação espiritual, além de extrair profundas lições para desenvolvê-la de forma contínua e completa. A vida de J. N. Andrews se mostrou um grande reflexo dos ensinamentos de Jesus, e deve ser considerada um modelo e inspiração na formação espiritual. Ellen White (2007, p. 100) declara, todos podem se “empenhar nesta obra com êxito, se tão somente vos puserdes em comunhão com Deus”. O missionário deve organizar sua rotina, dedicando diariamente um tempo de qualidade para devoção pessoal. Desenvolver o hábito de permanecer conectado com Deus através da oração, estudo da Palavra, amor pelas almas e fidelidade ao propósito irá resultar em resiliência missionária comunicada pelo Senhor. Mesmo diante dos infortúnios e sacrifícios que podem envolver esta jornada, poderá dizer com júbilo tal qual o apóstolo das missões (Timóteo 4:7) “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé”.

Compreensão teológica da missão

Tomando o próprio movimento adventista como exemplo, um elemento fundamental que marcou o desenvolvimento das missões mundiais na IASD foi o processo de compreensão teológica a respeito de seu papel missionário como povo remanescente. Segundo Gerhard Pfandl (2014), uma das características principais do remanescente é a pregação; em Apocalipse 14:6-12 está o cerne da mensagem a ser proclamada pelo remanescente no tempo do fim. A última palavra de advertência deve ser

levada a todo o mundo, alertando para a hora do juízo e chamando um povo a se preparar para o breve regresso do Senhor.

Antes do primeiro envio oficial do pioneiro J. N. Andrews, foi necessária uma maturação teológica a respeito do papel missionário que a Igreja Adventista Do Sétimo Dia possuía em esfera mundial. Segundo Gerard Damsteegt (1977), existiu entre os adventistas uma noção de que a porta de Mateus 25:10, que havia sido interpretada como a “porta da graça” havia se fechado no 10º dia do sétimo mês de 1844. Essa percepção restringia a possibilidade de salvação apenas aos que tinham participado do movimento do Sétimo Mês, o que colocou em xeque a missão. Felizmente essa visão caiu por terra com passar do tempo e os pioneiros se alinharam com a perspectiva bíblica e profética da missão.

Esta maturação teológica pode ser observada no recorte temporal proposto por Alberto Timm (2011). Ele propõe o desenvolvimento da missiologia da IASD em quatro períodos, em que a igreja sai de uma missão “restrita e exclusiva”, para uma missão “mundial e inclusiva”. Observa-se, a partir desses períodos, que progressivamente Deus revelou ao Povo Remanescente a dimensão e largura de sua missão nesta Terra. Neste contexto formativo, o papel teológico de John Andrews como pioneiro foi de grande influência. Segundo George Knight, Andrews foi “em muitos aspectos o erudito mais capaz do primitivo adventismo” (2005, p. 113).

Analisando o que aconteceu no desenvolvimento doutrinário do movimento adventista e, conseqüentemente, na jornada de Andrews, é crucial que os missionários considerem a seriedade desta questão. Eles não devem negligenciar o aprofundamento teológico; pelo contrário, devem buscar diligentemente amadurecer em sua fé, fundamentando-se nas doutrinas bíblicas fundamentais da IASD. Esse aprofundamento nas escrituras à semelhança de Andrews (STENCEL, 2014) pode ser alcançado mediante estudo pessoal contínuo da Palavra de Deus, de livros, manuais, artigos, comentários bíblicos, treinamentos oferecidos pela instituição e publicações oficiais da IASD em geral.

A partir das referências, constata-se que a má interpretação da teologia e suas implicações missiológicas pode afetar substancialmente o avanço da missão, tanto a nível institucional quanto individual. O progresso da missão está intrinsecamente ligado à compreensão teológica adequada, portanto é extremamente importante que os líderes e membros do corpo de Cristo entendam sua identidade bíblica para o avanço da missão.

Vivendo o conselho de 1 Pedro 3:15-16, discípulos de Cristo devem estar "sempre preparados" para dar razão da esperança que têm, baseando-se na Palavra de Deus.

Desprendimento pela causa

A experiência de Andrews é uma grande inspiração de desprendimento missionário. Considerando a dinâmica do trabalho missionário, é primordial para sua formação cultivar o desprendimento e a abnegação. Tratando-se de missão transcultural, esse desenvolvimento se torna ainda mais crucial. Como relatado anteriormente, a decisão tomada por John Andrews de ir à Europa juntamente a seus filhos não foi algo simples, como destacado por Virgil Robinson:

Andrews não encontrou facilidade em responder ao chamado quando este finalmente chegou. Por dois anos, ele desfrutara da tranquila reclusão de sua casa em South Lancaster. Charles e Mary estavam bem na academia. Com acesso livre às bibliotecas de Boston e da Universidade de Harvard, ele pôde realizar pesquisas lá para revisar seu importante livro História do Sábado. Com seu amor pelo estudo tranquilo e pela escrita, ele hesitava em deixar sua agradável casa, se preparar para dominar duas ou três novas línguas, atravessar o oceano e mergulhar na tarefa de realmente lançar o trabalho na Europa (1975, p. 84, tradução livre).⁴

A família Andrews, depois de dois anos da perda irreparável de Angeline, a matriarca do lar, compartilhava um ambiente de consolo e paz. Todos avançavam em seus estudos acadêmicos em condições favoráveis e tranquilas. Este cenário geralmente marca a realidade que precede o envio de um missionário, o estágio "lar". Neste estágio, as circunstâncias frequentemente parecem mais favoráveis, com uma perspectiva de segurança e subsistência quanto ao futuro, uma rede de apoio nos amigos e parentes, acolhimento da pátria, maior estabilidade econômica, saúde mais estável, entre outros

⁴ "Andrews did not find it easy to respond to the call when it finally came. For two years he had enjoyed the peaceful seclusion of his home in South Lancaster. Charles and Mary were doing well in the academy. With free access to the libraries of Boston and of Harvard University, he had been able to do research there in revising his important book History of the Sabbath. With his love of quiet study and writing, he hesitated to leave his pleasant home, prepare to master two or three new languages, cross the ocean, and plunge into the task of really launching the work in Europe."

aspectos que seguem essa linha. O estágio seguinte, “mar”, é marcado pelas incertezas e dificuldades que permeiam o campo missionário, as dúvidas quanto ao futuro, desafio frente ao desconhecido, favorecendo uma profunda dependência em Deus. Andrews (1880, p. 13, tradução livre) chega a dizer: “Nunca, em nenhum momento da América, vi tão grande acúmulo de dificuldades como conhecemos na Europa”.⁵ Demonstrando o quão complexo pode ser lidar com as diferentes realidades de trabalho missionário que existem no mundo.

O desprendimento missionário frequentemente implica uma transição do conhecido para o desconhecido, do previsível ao imprevisível, do seguro para inseguro. No entanto, esse obstáculo pode ser enfrentado pelo missionário mediante à fé e dependência na Palavra de Deus. Apegando-se ao conselho bíblico, o livro de Jonas revela que independente de quão perigoso o destino missionário possa parecer, o lugar mais seguro para um missionário não é, necessariamente, no conforto de seu lar ou pátria, mas onde Deus deseja que ele esteja. Ali desfrutará do verdadeiro propósito salvífico para sua vida, da proclamação das riquezas do evangelho, e da presença de Deus.

Lições de um pioneiro

O pioneiro das missões adventistas se uniu, juntamente a sua família, na proclamação milerita aos seus 15 anos de idade (COLLINS, 2007). Ele passou pela experiência refinadora do Grande Desapontamento em 1844. Ao fim de sua vida, acumulou quase quatro décadas de experiência desde seu primeiro contato com o adventismo primitivo. Serviu a igreja oficialmente por 34 anos como evangelista, teólogo, administrador e missionário, dos quais quase uma década foi dedicada em missões transculturais (OLIVEIRA, 1985). Esses números demonstram a larga experiência de John Andrews, tanto em seu país como em solo estrangeiro.

Retomando a ideia das lições práticas que podem ser extraídas da vida de J. N. Andrews, sustentando esse pensamento, Ellen White aconselha:

Os que entram na obra mais tarde e encontram as coisas prontas nas suas mãos, deveriam pelo menos esforçar-se para pagar o débito que têm para com o Senhor e os obreiros que viveram antes deles, levando

⁵ “I have never at any time in America seen so great an accumulation of difficulties as we have had to meet in Europe”

a verdade para novos territórios, até que chegue a todas as nações, tribo língua e povo. Em todos os países se devem despertar homens e mulheres para levar avante a mesma obra começada pelos que foram postos de lado pelo descanso. A memória desses pioneiros deve ser conservada e, dos tesouros da sua experiência, os obreiros de hoje devem aprender a passar de uma linha do trabalho avançado para outra, seguindo os métodos declarados pelo Espírito Santo em harmonia com Deus e sustentando os princípios ordenados na Palavra, levando o combate ativo a novos campos (2003, p.25).

Baseando-se no conselho inspirado, a obra missionária iniciada por John Nevins Andrews há 150 anos é um legado valioso cujas lições permanecem relevantes até hoje. Seu preparo pessoal, estrutura de apoio familiar, superação de barreiras e resiliência são exemplos inspiradores. Aplicar esses princípios pioneiros na missão presente ampliará o alcance, garantindo melhores resultados e uma missão mais sustentável e promissora.

Preparo pessoal

Como tem sido previamente abordado, as demandas presentes no campo missionário demonstram-se desafiadoras, o que exige bastante entrega e preparo. É evidente, a missão é sustentada pela provisão divina, mas o chamado de Deus e sua onipotência não anulam o esforço e preparo do missionário. Antes de explorarmos as importantes lições presentes no ministério de Andrews, será fundamentado biblicamente a importância do preparo do missionário. Tomando como referência a vida do apóstolo Paulo, fica evidente o forte apoio das escrituras neste sentido. Antes de iniciar seu estimável ministério, após seu chamado divino, o apóstolo passou por um processo de transformação e preparo que levou vários anos de maturação de sua cosmovisão (PRESTES, 2016, p. 283 n84). Paulo é a grande referência bíblica sobre as missões da igreja cristã. Se ele passou por esse processo de preparo, seu exemplo de preparo não deve ser ignorado.

Considerando esse modelo de Paulo, observa-se que na jornada do pioneiro das missões adventistas não foi diferente. O preparo teve um papel fundamental no desenvolvimento de sua missão. Semelhante a outros pioneiros, Andrews teve dificuldades de saúde que prejudicaram seus estudos na infância. Todavia, isso não o

impediu de continuar estudando por conta própria, "John Andrews era um jovem estudioso e abençoado, com uma capacidade incomum de aprender" (OCHS, 1974, p.39, apud DA SILVA, 2015, p. 17). Levava consigo livros por onde quer que fosse, tornando-se posteriormente um excelente autodidata (COLLINS, 2007). Desde sua infância, Andrews cultivou o hábito de estudar. Ao passo que expandia seu conhecimento e desenvolvia sua escrita, tornava-se um instrumento mais bem preparado para a causa de Deus. Segundo Renato Stencil (2014, p.1), aos seus 20 anos ele escreveu seu primeiro artigo na revista *The Present Truth*, um exemplo de seu aperfeiçoamento e prática dos dons concedidos por Deus a ele.

O hábito de estudar e crescer nas diversas áreas do saber não deve ser negligenciado por aqueles que pretendem lançar mão da obra missionária, ainda que em dificuldades, como foi o caso de John Andrews em sua infância. Ele não foi à Europa sem nenhum preparo ou experiência. De acordo com Enoch de Oliveira (1985), foi sob a orientação de J. N. Andrews que a IASD alcançou um dos mais assinalados triunfos no Oeste dos Estados Unidos. Cada missionário deve buscar desenvolver suas habilidades físicas e mentais para a obra de Deus, estudando e se envolvendo com o trabalho missionário em sua esfera local e mundial. Deste modo, adquirirá mais experiência e conhecimento, o que possibilitará alcançar um maior número de pessoas em seus diferentes grupos e lugares.

Estrutura Familiar e Envolvimento com a Missão

A missão desempenhada por J. N. Andrews na Europa não foi iniciada, nem mesmo levada adiante sem o auxílio de sua família. Segundo Leonard (1985) ele foi acompanhado por seus dois filhos adolescentes, Mary e Charles Andrews. De acordo com a Enciclopédia Adventistas (1966), Andrews era casado com Angeline desde 1856. Eles tiveram quatro filhos: Charles, nascido em 1857, Mary, nascida em 1861, e dois outros filhos que morreram prematuramente. Infelizmente, Angeline faleceu em 1872, deixando Andrews viúvo. Optando por não se casar novamente, em sua partida para a Europa em 1874, a família de Andrews era composta apenas por seus dois filhos, órfãos de mãe, e ele, viúvo.

Diante deste cenário, mesmo com o falecimento da Angeline, a família de Andrews desempenharia um papel fundamental em sua jornada missionária, fortalecendo essa ideia, Ronald Graybill escreveu:

Na Suíça, os filhos de John proporcionaram a ele um apoio emocional inestimável e assistência prática. Metade de cada dia, Charles trabalhava no escritório de impressão, aprendendo o ofício. Na outra metade, ele estudava francês e alemão e auxiliava seu pai na leitura das provas. "Ele é perfeitamente estável e tranquilo e não me causa nenhum problema", escreveu John orgulhosamente. "Ele é meu companheiro de dia e de noite e parece preferir minha companhia à de qualquer outra pessoa jovem. Na verdade, eu não saberia [como] viver sem ele." Mary não gostava de dormir sob cobertores de penas, mas se saía bem com a língua francesa. Ela costumava ler as provas do jornal de seu pai, *Les Signes des Temps*, após o Irmão Aufranc, cuja língua materna era o francês, e às vezes encontrava erros gramaticais que haviam escapado de seu olhar (1984, p.22, tradução livre).⁶

Levando em consideração o apoio de seus filhos na missão, compreende-se o valor inestimável do trabalho realizado pela família de Andrews, deixando um exemplo de envolvimento familiar em seu empreendimento missionário. Esse procedimento é fundamentado por Ellen White na *Review and Herald*:

Nossos lares devem estar em ordem, e esforços sinceros devem ser feitos para interessar cada membro da família em empreendimentos missionários. Devemos buscar engajar as simpatias de nossos filhos no trabalho sincero pelos não salvos, para que façam o seu melhor em todos os momentos e em todos os lugares para representar Cristo (1984, p.417, tradução livre).⁷

⁶ "In Switzerland, John's children provided him invaluable emotional support and practical assistance. Half of each day Charles worked in the printing office learning the trade. The other half he studied French and German and helped his father read proofs. "He is perfectly steady and quiet and gives me no trouble," John wrote proudly. "He is my companion by day and by night, and seems to prefer my company to that of any young person. Indeed, I should not know [how] to live without him." Mary did not like sleeping under feather blankets, but she did take well to the French language. She would read the galley proofs of her father's paper-*Les Signes des Temps*-after Brother Aufranc, whose native tongue was French, and she would sometimes find grammatical errors which had escaped his eye"

⁷ "Our households must be set in order, and earnest efforts must be made to interest every member of the family in missionary enterprises. We must seek to engage the sympathies of our children in earnest work for the unsaved, that they may do their best at all times and in all places to represent Christ."

Há uma preciosa lição extraída da vida de Andrews. Deve haver uma preocupação por parte dos missionários de integrar sua família na obra missionária, tal como Mary auxiliava na revisão e Charles na composição tipográfica (MAXWELL, 1982). Esta prática desenvolverá o amor à salvação de almas, os desviando da ociosidade e paralisia espiritual, os educandos no serviço a Deus e ao semelhante. Antes de alcançar o mundo, o missionário deve alcançar sua casa, antes de desenvolver seu Núcleo de Missão, deve fazer de sua casa um.

Aprendendo com os Erros Passados

Embora o pioneiro das missões tenha lições positivas para o desenvolvimento missionário, também devemos considerar que nem tudo foi acerto, seu ministério também foi marcado por falhas. Ellen White (2013, p. 751) comenta que os pioneiros cometeram “erros, mas dos fracassos aprenderam sabedoria; aprenderam a evitar erros e perigos, e não serão eles então competentes para darem sábios conselhos?” Os missionários menos experientes devem se atentar aos sábios conselhos que podem ser extraídos de falhas cometidas no passado, avaliá-las os desviará de tornar a cometer os mesmos erros.

Um dos grandes inimigos do ministério de J. N. Andrews e da maioria dos missionários, especialmente os transculturais, tem sido a negligência no âmbito da saúde pessoal. Segundo Robinson (1975, p. 90, tradução livre), “Muitas das doenças enfrentadas pela família podem ser atribuídas aos maus hábitos alimentares. Além disso, eles consideraram o clima extremamente úmido e frio. Por semanas seguidas não houve sol”.⁸ Além dos fatores como o clima, os maus hábitos alimentares foram determinantes para fragilizar a saúde da família. A economia exagerada na alimentação, refeições baseadas maiormente em carboidratos (“pão branco”, “mingal”, “batata”) com praticamente nenhuma fruta, desencadeou um regime alimentar carente das vitaminas e dos minerais essenciais para uma saúde estável. Infelizmente, esse cenário culminou no adoecimento e morte prematura de John e Mary Andrews (COLLINS, 2007). As condições no campo missionário nem sempre permitirão uma alimentação equilibrada e regular. Sacrifícios serão necessários e nem todo alimento oferecido deverá ser incluído na dieta, alguns oferecerão riscos. O missionário terá que adaptar-se à realidade local, selecionando com sabedoria o que fará parte de seu regime alimentar, buscando uma alimentação mais

⁸ “Much of the ill health suffered by the family can be traced to poor dietary habits. They also found the climate extremely damp and cold. For weeks at a time there was no sunshine.”

nutritiva possível. Considerando esse assunto com seriedade e colocando em prática os princípios de saúde, os missionários terão melhor qualidade de vida e ampliarão seu tempo e influência no campo missionário.

Mesmo diante do descuido de John Andrews, é evidente que o cenário da Europa naquela época não era dos mais favoráveis. A realidade em que se encontrava a família Andrews na Europa era extremamente desafiadora. De acordo com Zurcher (1984), ainda inexperiente no novo empreendimento global, havia uma irregularidade nos recursos enviados a Andrews pela Conferência Geral em seus primeiros anos. Isso dificultou a administração de suas contas e atividades missionárias, priorizando muitas vezes a missão ao invés de suas necessidades básicas e da família. O missionário deve estar pronto para imprevistos e decisões difíceis. Mudanças são recorrentes, a instituição não é infalível e não pode controlar todas as circunstâncias. Uma lição importante está na administração financeira do missionário. Ele deve estar apto a conduzir seus empreendimentos da forma mais sustentável e sábia possível, prevendo o avanço da obra, sem negligenciar a manutenção das necessidades básicas dele e da família, se houver. Muitos dos erros cometidos por Andrews estão ligados à relutância em obedecer aos conselhos das mensagens enviadas por Deus através de Ellen White. Em uma de suas cartas, ela escreve:

Eu aconselhei você a não voltar para a Europa sem uma esposa. Isso não foi da minha própria mente. O Senhor sabia o que era melhor para você. Mais recentemente, me foi mostrado que erros e equívocos teriam sido evitados se você tivesse seguido esse caminho (1883, p.3).⁹

Havendo Andrews atentado aos conselhos inspirados, teria evitado muitos erros e sofrimentos, além de trabalhar por mais tempo e expandido o alcance de sua missão. A segurança e sucesso dos missionários estão em atender ao apelo divino que está em 2 Crônicas 20:20: “Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas e prosperareis”. Deus revela Sua vontade através de Sua Palavra e dos Testemunhos inspirados, são guias seguros em meio às dúvidas e perplexidades que permeiam a vida de cada missionário, sendo uma bússola para o êxito da missão

⁹ “I advised you not to go back to Europe without a wife. This was not from my own mind. The Lord knew what was best for you. I have been shown more recently that errors and mistakes would have been avoided had you pursued this course.”

Conclusão

O missionário adventista não deve abordar seu preparo sem considerar os 150 anos de experiência de seus pioneiros na missão mundial, negligenciando lições preciosas conquistadas a preço de dedicados esforços que custaram a vida de inúmeros missionários, como é o caso de J. N. Andrews e seus dois filhos. Dessa maneira, estará propenso a replicar os mesmos erros, além de desconsiderar exemplos e inspirações valiosos, essenciais para o aprimoramento e avanço da missão. A formação espiritual de J. N. Andrews demonstra a importância da preparação pessoal para enfrentar os desafios do campo missionário. Sua devoção à oração, ao estudo da Bíblia e ao amor pelas almas são fundamentais para qualquer missionário comprometido com a causa de Cristo. Não permutando seu chamado missionário por qualquer outro empreendimento. A experiência de Andrews demonstra que o sucesso na missão depende não apenas do apoio organizacional, ou de dons pessoais desenvolvidos, mas, essencialmente, de uma sólida formação espiritual. A compreensão da identidade missionária é outro aspecto crucial. O desenvolvimento teológico do movimento adventista mostrou a necessidade de uma base teológica bem formada para o avanço da missão. Os missionários devem estar bem fundamentados nas doutrinas bíblicas da IASD e preparados para ensinar e defender sua fé com clareza e convicção.

O desprendimento pela causa missionária é essencial. A decisão de Andrews de deixar o conforto de sua vida nos Estados Unidos para enfrentar as incertezas na Europa exemplifica a necessidade de sacrifício pessoal em prol da missão. Este espírito de abnegação e dependência de Deus é crucial para superar os desafios e imprevistos no campo missionário. Além disso, o envolvimento e dedicação da família de Andrews com a missão mostrou-se fundamental para o sucesso do empreendimento missionário de J. N. Andrews. O apoio emocional e prático de seus filhos, Mary e Charles, foi inestimável. A integração da família na obra missionária não só fortalece o missionário, mas também educa e envolve os membros da família na missão de Deus e no propósito salvífico de Cristo para eles. Por fim, aprender com os erros do passado é fundamental. A negligência da saúde pessoal e familiar foi um grande inimigo no ministério de Andrews. Sua economia exagerada na alimentação, aliada às condições adversas, contribuiu para o declínio da saúde da família. Este aspecto ressalta a importância de cuidar da saúde física e não a considerar de menor importância. O missionário deve reconhecer esse ponto como parte integral da missão. Como foi analisado na vida de John Andrews, muitos desses

sofrimentos e erros podem ser evitados pelo missionário caso ele se atente aos conselhos inspirados de Ellen White e tome a Bíblia como guia para sua vida.

Em síntese, a experiência de J. N. Andrews na missão transcultural oferece um modelo inspirador para os missionários de hoje. Seu amor a Deus e às almas, motivado por uma boa formação espiritual, seu preparo e compreensão teológica, desprendimento e integração familiar na missão são princípios que, quando bem aplicados, podem resultar em uma missão mais promissora e sustentável. Em 1875, Ellen White (2013, p. 385) destacou a necessidade urgente de missionários, afirmando que havia apenas um representante adventista no vasto campo missionário estrangeiro. J. N. Andrews era um excelente missionário, mas apenas um não era suficiente. Hoje este apelo ainda ecoa: “Não há senão um missionário nosso em todo o vasto campo dos países estrangeiros”. Temos uma mensagem “poderosa”, mas “não é posta em prática”. Ela conclui: “Não basta pôr simplesmente o dinheiro sobre o altar. Deus requer homens, voluntários, que levem a verdade a outras nações, e ‘língua e povo’” (Apocalipse 14:16). Andrews e seus filhos descansaram, o campo missionário é vasto. Ainda há poucos missionários, e hoje, Deus tem um chamado especial para você se alistar nas fileiras do exército missionário que levará a mensagem do advento até os “confins da terra” (Atos 1:8) e concluirão, por fim, a missão.

Referências

ANDREWS, J. N. General Conference Paper of the Seventh Day Adventists. Review and Herald Publishing Association. **Review and Herald**, Battle Creek, v. 55, n. 1, Jan. 1, 1880.

ANDREWS, J. N. The work in Europe. **The Advent Review and Herald of the Sabbath**. Battle Creek: n.5, v.45, 28 de janeiro de 1875, p.36.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. ed. revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

COLLINS, N. J. **Retratos dos pioneiros**. v 1. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

DAMSTEEGT, P. Gerard. **Foundations of the seventh-day adventist message and mission**. 1. ed. Michigan, MI, USA: William B. Eerdmans, 1977.

FORTIN, Denis. **Enciclopédia Ellen G. White**. Jerry Moon Wellington Vedovello Barbosa et al. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

GRAYBILL R. John N. Andrews: The Family Man. **Adventist Heritage**: a journal of Adventist history. Riverside, CA, n. 1, v. 9, spring, 1984.

KNIGHT, George R. **Em busca de identidade**: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. José Barbosa da Silva. Marcos de Benedicto, Rubem M. Scheffel. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005. 220 p.

LEONARD, Harry. **J.N. Andrews: the man and the mission**. 1.ed. Michigan, USA: Andrews University, 1985.

MAXWELL, C. Mervyn. **História do adventismo**. Azenilto G. Brito. 1. ed. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

OCHS, Daniel A. **The Past and the presidents**: biographies of the general conference presidents. 1. ed. Nashville, USA: Southern Publishing Association, 1974.

OLIVEIRA, Enoch de. **A mão de Deus ao leme**. 1. ed. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

PFANDL, G. Marcas do remanescente do tempo do fim no Apocalipse. In: DORNELES, V.; PINHEIRO, P. R.; DE BENEDICTO, M. (Orgs.). **A Teologia do Remanescente: Uma Perspectiva Eclesiológica Adventista**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014. p. 153-172.

PRESTES III, Flavio. Worldviews: **Concepts or Narratives? An Integrative Definition to Assess Their Controlling Effect in the Biblical and Atheistic Evolutionary Models**. Andrews University Seminary Studies (AUSS), v. 57, n. 2, p. 267-304, 2019. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/auss/vol57/iss2/3>. Acesso em: 15 maio 2024.

ROBINSON, V. 100 Years of Adventist Missions 1874-1974. **Advent Review and Sabbath Herald**, v. 151, n. 37, p. 987, 12 set. 1974.

ROBINSON, v. **John Nevins Andrews: flame for the lord**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1975.

SCHWARZ, Richard Willian. **Portadores de Luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Francisco Alves de Pontes. 2 ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2016.

SILVA, Fábio Ferreira da. "**O Homem mais Capaz de Nossas Fileiras": contribuições da vida e obra de J. N. Andrews ao período formativo da IASD e aplicações para o adventismo hoje**. 2015. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade Adventista de Teologia, Engenheiro Coelho, SP, 2015. 129 f.

STENCEL, Renato. **John N. Andrews 140 anos das Missões Adventistas**. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/8524138/John_Nevins_Andrews_140_Anos_da_Miss%C3%A3o_Adventista . Acesso em: 08, maio, 2024.

TIMM, Alberto. **Missiologia adventista do sétimo dia, 1844-2010: breve panorama histórico**. Teologia e Metodologia da Missão. Seminário Latino-Americano de Teologia, Cachoeira-BA, p. 79, 2011.

WHITE, Ellen G. **A ciência do bom viver**. 10. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. 382 p.

WHITE, Ellen G. **Conselhos aos idosos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

WHITE, Ellen G. **Letters A-01**. Centro White: 1883.

WHITE, Ellen G. **Mente, caráter e personalidade 2: guia para a saúde mental e espiritual**. Luiz Waldvogel. 5. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

WHITE, Ellen Gould. **Serviço cristão: Como servir a Deus com prazer e alcançar resultados**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, Ellen Gould. **Testemunhos para a igreja 3**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a igreja 7**. Horne P. Silva. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006. v. 7. p.38-39.

WHITE, Ellen G. The True Missionary's Dependence Is In God. **The Review and Herald**, Battle Creek: n.27, v.70, 07 de julho de 1893, p.417.

ZURCHER, J. John N. Andrews: the Christopher Columbus of Adventism. **Adventist Heritage: a journal of Adventist history**. Riverside, CA, n. 1, v. 9, spring, 1984.